



AUTORAS

Rosalice Pinto



✉ rosalice.pinto@fcs.unl.pt

Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa e Pós-Doutora pela Université de Genève e Universidade Nova de Lisboa/ Investigadora do Centro de Investigação sobre Direito e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa. Membro do grupo de pesquisa Prototexto (CNPq/UFC)

Suzana Leite Cortez



✉ suzana.cortez@ufpe.br

Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. Doutora em Linguística pela Unicamp, com pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle Paris 3, França. Líder do GESTO (Grupo de Estudos do Texto/CNPq) e membro do grupo de pesquisa Prototexto (CNPq/UFC)

Jailine Mayara Sousa de Farias



✉ jailine.farias@gmail.com

Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal da Paraíba e doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Membro do GESTO (Grupo de Estudos do Texto/CNPq)

COMO CITAR

Pinto, R.; Cortez, S. L.; Farias, J. M. S. de. (2021). O gênero apresentação de trabalho em eventos científicos do offline ao digital: que implicações textuais-discursivas possíveis? *Calidoscópico*, 19(3): 409-421.

10.4013/cld.2021.193.09

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 31/05/2021
Aprovação: 15/09/2021

DISTRIBUÍDO SOB



O gênero *Apresentação de trabalho em eventos científicos* do offline ao digital: que implicações textuais-discursivas possíveis?

The genre paper presentation in scientific events from offline to the digital: what possible textual-discursive implications?

RESUMO / ABSTRACT

O presente estudo tem como objetivo analisar de que forma o meio ambiente digital veio a influenciar a produção de um gênero específico: a *apresentação de trabalho em eventos científicos*. Assim, tomando como base um breve apanhado dos estudos em torno da noção de gênero (Voloschinov, 1997; Adam, 2001; Adam e Heidman, 2011, Marcuschi, 2008), buscaremos apontar em que medida esse gênero mantém ou não suas características diante das potencialidades tecnodiscursivas (Paveau, 2017) no modo de produção online. Para isso, partimos da análise de três apresentações realizadas durante o evento *Linguistweets*, organizado pela ABRALIN, no *Twitter*. A análise das produções permitiu que traçássemos um

contínuo de possibilidades de apropriação das potencialidades tecnodiscursivas oferecidas pela plataforma, a partir de dois pólos. Um que tendência para a manutenção de um modelo mais tradicional desse gênero e outro que se aproxima de uma atualização do mesmo. Estes emergem da

Palavras-chave:
gêneros nativos digitais; tecnodiscurso; *Twitter*

forma como os escritores se apropriam das potencialidades tecnodiscursivas oferecidas pelo *Twitter*. Assim, verificamos, por um lado, a manutenção de certas ca-

racterísticas de apresentações offline e, por outro, a produção de apresentações multi/deslinearizadas, marcadas pela relacionalidade, pelo aumento enunciativo, por dinâmicas mais horizontalizadas e simétricas, que caracterizam, portanto, os discursos nativos digitais.

The present study aims to analyze how the digital environment has influenced the production of a specific genre: the paper presentation in scientific events. Thus, based on a brief overview of studies around the notion of genre (Voloschinov, 1997; Adam, 2001; Adam and Heidman, 2011, Marcuschi, 2008), we seek to point out to what extent this genre maintains or not its characteristics in the face of technodiscursive affordances (Paveau, 2017) in the online production mode. For this, we started by analyzing three presentations made during the *Linguistweets* event, organized by ABRALIN, on *Twitter*. The analysis of the productions allowed us to trace a continu-

um of possibilities of appropriation of the technodiscursive potentialities afforded by the platform from two poles. One tends to maintain a more traditional model of this genre, and the other moves towards its updating. These emerge from the way the

Keywords:
digital native genres; technodiscourse; *Twitter*

readwriters mobilize *Twitter's* technodiscursive affordances. Thus, we verify, on the one hand, the maintenance of certain characteristics of offline presentations and, on

the other hand, the production of multi/delinearized presentations, marked by relationality, by enunciative augmentation, by more horizontal and symmetrical dynamics, which characterize, therefore, the digital native discourses.

1. Introdução

É de conhecimento de todos que a noção de *gênero*, restrita no século XX às áreas da teoria e da análise literárias, veio a ocupar um espaço cada vez mais destacado nas diversas correntes teóricas que assumiram a relevância do texto enquanto objeto de estudo. Evidentemente, foram os trabalhos precursores de Bakhtin e do círculo sobre essa temática no âmbito literário que vieram a influenciar os trabalhos posteriores de vários teóricos nas áreas textuais-discursivas em domínios específicos. Cada uma, com as suas especificidades, tentou definir a noção e determinar algumas categorias analíticas para o seu estudo em textos empíricos. Dentre esses estudos, podem ser evidenciados os desenvolvidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997); os da Linguística Textual (Adam, 2001 e Adam & Heidmann, 2007), os da Análise do discurso de linha francesa (Maingueneau, 2014), os dos Estudos Retóricos sobre os Gêneros (Miller, 1984; Devitt, 2004), os de Inglês para fins específicos (Swales, 2004). Essas diversas abordagens teóricas relativas ao gênero vieram a influenciar as diversas áreas de pesquisa nas universidades brasileiras, como bem salienta Marcuschi (2008).

Contudo, apesar desse breve inventário, o que nos importa neste trabalho é salientar que a noção de gêneros textuais/discursivos (doravante gêneros), enquanto práticas sociodiscursivamente definidas com certo grau de ritualização, mas também de dinamicidade (Pinto, 2010), deve vir a ser (re)atualizada em função dos ambientes digitais. Face a esse contexto, este trabalho visa a descrever de que forma o mundo digital veio a influenciar as potencialidades de produção de um gênero específico: *apresentação de trabalho em eventos científicos*, sem negligenciar algumas das características que lhe são tradicionalmente associadas. Para atender esse objetivo, foram selecionadas algumas apresentações efetuadas no âmbito do evento *Linguistweets*, organizado pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) no ano de 2020. Na verdade, trata-se do primeiro evento realizado em contexto brasileiro, em que todas as apresentações foram feitas através de tuítes, de onde advém a sua importância no cenário nacional e internacional.

Em termos de organização, este artigo apresentará a seguinte estrutura. Primeiramente, serão definidas algumas categorias descritivas assentes sobre os gêneros e, em especial, sobre o gênero *apresentação oral*. Em um segundo momento, serão pontuados alguns trabalhos atuais sobre o Tecnodiscurso e a Análise do Discurso Digital (Paveau, 2017; Mayeur e Paveau, 2020), para que possamos (re)atualizar e problematizar algumas características do gênero inicialmente estabelecidas. Em seguida, passar-se-á à análise do *corpus* selecionado e, por fim, às conclusões.

A relevância do trabalho é suscitada pelo fato de ainda existir uma carência de trabalhos descritivos sobre

os denominados *gêneros nativos digitais*, especialmente acadêmicos, e a necessidade atual imposta com o uso das plataformas digitais na esfera acadêmica.

2. Gêneros: do ambiente offline para o online

Nesse artigo, consideramos, à semelhança de Marcuschi (2008) a partir de Crystal (2001), que a tecnologia pode até trazer inovações em função das transformações provocadas, mas tal renovação não é total. E esta passa fundamentalmente por gêneros já conhecidos e transmutados, ou novos, com uma pluralidade de recursos semióticos. Com isso, a noção de gênero merece ser revisitada e atualizada, assim como algumas categorias a ela tradicionalmente atreladas.

Na perspectiva adotada neste trabalho, o gênero corresponde a modelos de textos de que dispomos em nossa memória a longo termo que são acionados quando temos de produzir ou interpretar textos. Dessa forma, ao produzirmos um texto, adotamos certos padrões e adaptamo-los aos diversos elementos constitutivos da própria situação de comunicação (papel social dos interlocutores; lugar e momento da produção; finalidade a ser atingida; suporte) e ao contexto sócio-histórico-cultural. Evidentemente, vale ressaltar que haverá gêneros com maior grau de estabilização do que outros, sendo mais resistentes a mudanças, em função das práticas sociais em que estão inseridos. Com isso, os gêneros constituem espécies de “ferramentas” que nos propiciam certa economia cognitiva, tanto no processo de produção quanto na interpretação dos textos, sendo construtos dinâmicos e suscetíveis a transformações.

Tendo definido o que aqui consideramos ser um gênero, quais são as categorias tradicionalmente pontuadas que podem vir a ser relevantes ao serem re(atualizadas) quando da análise de gêneros em circulação no ambiente digital?

Segundo Adam (2001), são oito as dimensões pelas quais pode ser analisado e caracterizado um gênero: a) a enunciativa; b) a pragmática; c) a semântica; d) a composicional; e) a estilístico-fraseológica; f) a material; g) a metatextual e h) a peritextual. A primeira diz respeito à área em que a atividade socioprofissional de um texto é produzida e na qual circula e também o papel dos interlocutores envolvidos. A segunda corresponde aos objetivos os quais se quer atingir com o texto. A terceira diz respeito aos temas abordados. A quarta, à distribuição e articulação dos conteúdos; a quinta, a aspectos de natureza microlinguística, como a seleção lexical e as construções sintáticas utilizadas (componentes estilístico-fraseológicos). Ainda, o sexto corresponde ao suporte (meio material pelo qual o texto circula). O sétimo diz respeito às fronteiras do texto e, por fim, o oitavo refere-se ao discurso sobre o gênero característico da formação sociodiscursiva de um lado e, do outro, das teorias desenvolvidas sobre o gênero em questão^[1]. Todavia, nesta publicação em espe-

[1] Para mais detalhes sobre as componentes do gênero em Adam, ver: Pinto (2010, cap. 3).

cial, embora sejam salientados que os aspectos internos e externos estejam imbricados na caracterização dos gêneros, não se vê claramente a influência de aspectos contextuais na materialidade plurissemiótica dos textos.

Contudo, em publicação mais recente, Adam e Heidman (2011, p. 25) pontuam a relevância de se considerar que “o gênero só se define de modo relativo no interior de um sistema de gêneros” (grifo nosso) e também que “um gênero não se define como *classe fundada numa gramática de critérios fixos e restritos*”. De onde advém, a percepção de que a identificação de um gênero não é um mero raciocínio abstrato. O seu “ar de família” é compatível com características comuns de determinado grupo; sem deixar, no entanto, de apresentar uma variação compatível com as condições contextuais imbricadas no próprio ato de enunciação em determinada prática social (situação de interação, papéis dos interlocutores, objetivos). Ainda, vale ressaltar que esse sistema de gêneros (*genericidade*) afeta tanto a própria constituição da *textualidade* (força centrípeta, assegurando a singularidade do texto), quanto a *transtextualidade* (força centrífuga, abrindo o texto para outros textos). Fica, assim, mais clara a influência de questões genéricas (tradicionalmente relegadas ao universo discursivo) à materialidade plurissemiótica de textos.

Por que essas noções pontuadas por esses autores são relevantes? Lembremos que os discursos digitais, conforme pontuado por Paveau (2017), apresentam uma natureza compósita, congregando tanto elementos tecnolinguageiros (de natureza multissemiótica^[2]), quanto tecnodiscursivos. E de forma mais específica, os discursos nativos digitais correspondem a produções elaboradas online, com os espaços disponíveis e com as ferramentas propostas pela Internet. Nesse âmbito, as ferramentas disponibilizadas (links, #, @) são fatores que possibilitam que o escritor (responsável simultaneamente pela produção e interpretação do texto nativo digital) possa vir a construir/interpretar o texto no ambiente digital, estabelecendo um circuito deslinearizado de produção/leitura. O “fazer o texto” depende, assim, das decisões que esse escritor toma nesses processos e das várias interações por ele desencadeadas e ampliadas junto aos vários interlocutores com os quais interage direta ou indiretamente^[3].

Na verdade, deve-se pensar, assim, que a *genericidade* e a *transtextualidade*, conjugadas a essa *interação complexa* (a *enunciação ampliada*) e à *deslinearização* (provada pela própria clicagem do escritor em seu processo de produção e interpretação de textos) são aspectos constitutivos dos próprios discursos nativos digitais e devem ser considerados na análise dos gêneros nativos digitais. Evidentemente, a tais fatores, outros devem ser consi-

derados, como: os elementos sociais e históricos da produção/interpretação desses textos; a dimensão tecnológica a eles atrelada, enfim o meio ambiente^[4] e também o ecossistema em uma visão mais alargada.

Outro trabalho que aqui merece ser destacado, na tradição, no que tange a categorias descritivas dos gêneros é o de Voloschinov (1997). Este estipulou a existência, como se sabe, de três dimensões para a caracterização do gênero: (1) o tema; (2) a estrutura composicional do texto; (3) o estilo. O primeiro diz respeito ao sentido do signo ou do enunciado, tomando-se em conta o *enunciado concreto*. Assim, além dos elementos linguísticos (para nós, multissemióticos), devem ser levados em consideração os elementos da situação extraverbal (relativos ao gênero propriamente dito): papel dos interlocutores, finalidade daquela enunciação, momento histórico, discursos em circulação na época. O segundo corresponde às partes por que um texto pode ser fragmentado e estruturado (planos de texto), os agenciamentos das sequências (descritivas, narrativas, argumentativas, explicativas ou dialogais), as relações entre texto e imagem (para textos plurissemióticos). Evidentemente, esse nível de textualidade é muito afetado pela genericidade, sendo que há estruturas mais ou menos expectáveis em função do gênero produzido/interpretado. O terceiro, para o círculo, corresponde à seleção operada nos recursos da língua (lexicais, fraseológicos e gramaticais), podendo ser um estilo societal (característico de um determinado grupo social - jurídico, médico, por exemplo) ou mais individual e idioletal. Essa taxonomia do círculo se destaca pelo fato de considerar que todos os três níveis da textualidade apontados são coibidos pela esfera comunicativa em que estão inseridos, aspecto não evidenciado anteriormente. Contudo, nessa categorização deveriam ser incluídos aspectos não apontados como: o nível enunciativo da responsabilidade dos enunciados (embora pudesse também estar inserido no aspecto estilístico); a questão argumentativa e pragmática associadas à própria finalidade dos enunciados.

Estabelecido esse breve inventário, o que nos interessa aqui é relevar que, neste trabalho, o *gênero nativo digital* corresponderá também, como os gêneros tradicionais, a modelos de texto que dispomos em nossa memória e que serão “desencadeados” em determinado processo de produção e interpretação, sendo (re)atualizados em função de determinada situação de comunicação. Contudo, este merecerá uma complexificação descritiva, uma vez que no meio ambiente em que é produzido e interpretado, além dos aspectos sócio-histórico-culturais, transtextuais e intergenéricos, existem restrições tecnológicas que merecem ser respeitadas e cumpridas. Lembremos, inclusive, que os algoritmos, por exemplo, além de resolverem o

[2] Duarte e Muniz (2021) pontuam a relevância de outras semioses para o estudo dos discursos digitais.

[3] Para detalhes sobre a questão, ver: Giering e Pinto (2021).

[4] A noção de meio-ambiente é de grande relevância na análise do discurso digital, uma vez que procura dar conta dos aspectos tecnolinguageiros (ao qual acrescentamos os multissemióticos) e tecnodiscursivos desse discurso. E, ainda, a imprevisibilidade dos conteúdos (gêneros, formatos) acessíveis a partir de um clique por parte do escritor e a ampliação da própria enunciação propiciam a necessidade de se trabalhar com uma perspectiva ampla e aberta de natureza ecológica.

problema de tratamento de informação, vão tratá-la e classificá-la. Com isso, como afirma Paveau (2017), são operadores de constrangimento discursivo e de instrução semântica, mesmo atuando de forma invisível para o escrileitor. Vale ressaltar, contudo, que na construção da textualidade de todos os gêneros, além dos aspectos acima pontuados, devem ser incluídas questões temáticas, estilísticas, composicionais, enunciativas ampliadas, pragmáticas e argumentativas. E é a partir desses aspectos que as análises aqui presentes serão norteadas.

3. Gênero apresentação de trabalho em eventos científicos

Como o gênero em apreço conjuga tradicionalmente duas modalidades da língua - a oralidade e a escrita -, convém mencionarmos o ponto de vista no qual nos situamos. Na verdade, advogamos, assim como Marcuschi (2008), que ambas são práticas sociais não dicotômicas, refletindo duas formas de funcionamento da língua, podendo ser mais claramente perceptíveis no quadro de um contínuo dos gêneros. Assim, há gêneros que estão situados em domínios mistos de oralidade e escrita, como o discurso político (elaborado de forma escrita, mas exposto oralmente). Há, ainda, *exposições orais acadêmicas de trabalhos* em eventos que tendem a apresentar uma linguagem mais formal, com uma relação assimétrica entre os enunciadores e uma estrutura sintática e estilística mais elaborada. Com isso, essas apresentações acadêmicas pela sua própria materialidade plurissemiótica vão mais ao encontro do que se espera dos textos escritos formais. Vale ainda pontuar que esse gênero, além das formalidades textuais que apresenta, é o resultado de uma *cadeia* de vários outros gêneros que o antecederam e que contribuíram para a sua produção. Ou ainda, como já afirmamos, é o resultado de uma *genericidade* e *transtextualidade* (para nós uma intertextualidade em sentido amplo) que lhe é constitutiva. Além de ser oralizado, esse gênero é de caráter multiplurissemiótico (com utilização de gráficos, meios visuais diversos para orientação da apresentação) e multissistêmico.

Por outro lado, existem gêneros, como os que estão em circulação nas redes sociais, que, devido à relação de aproximação dos enunciadores, à informalidade linguística utilizada e também à estrutura sintática e ao estilo, fazem-nos aproximar-se dos gêneros orais e escritos informais.

No que tange especialmente à *apresentação oral de trabalhos em eventos científicos*, verifica-se, a nosso ver, certa semelhança com uma mera *exposição oral*, cuja estrutura foi apresentada por Silva (2013) e também por Dolz *et al.* (2004). Na verdade, nos dois casos, os expositores procuram de forma estruturada transmitir informações, necessitando para tal descrever e explicitar o tema da apresentação. É importante ressaltar, no entanto, que o público-alvo é diferente, uma vez que, no primeiro caso, a exposição do trabalho é dirigida a pares acadêmicos; já no segundo caso, prioritariamente

ao professor (com o qual é mantida uma relação assimétrica) e aos colegas da turma (em uma relação simétrica). Contudo, é de ser ressaltada uma característica prototípica de ambos os gêneros: a relevância de demonstrar a reconstrução de determinado conhecimento a partir de outros textos que lhe serviram de apoio ou garante.

Em termos composicionais, no que tange à *exposição oral de trabalhos*, Silva (2013, p. 46) pontua algumas características no suporte dos slides eletrônicos. São eles: (1) Contextualização (título do trabalho + identificação + delimitação do tema); (2) Motivação para a leitura (questão problema e/ou tese); (3) Abordagens teóricas (conceitos básicos e subtemas com desdobramento de conceitos); (4) Reflexões (apresentação de dados ou exemplos; análises e discussões); (5) Síntese (conclusões); (6) Referências bibliográficas. Inclusive, vale pontuar que é essa organização (com algumas peculiaridades estilísticas) característica das apresentações em eventos científicos.

A partir dessas breves considerações, passaremos agora a observar de que forma a apresentação oral em evento científico veio a se transformar com as novas plataformas digitais, mantendo, contudo, como veremos, algumas características canônicas do próprio gênero. Para tal, passaremos, na próxima seção, a estabelecer algumas características do tecnodiscurso e dos discursos digitais, antes de apresentarmos as análises.

4. Tecnodiscursos e textualidade digital

Nas últimas décadas, temos vivenciado o avanço das tecnologias digitais, cada vez mais disponíveis e presentes em nossas vidas, mediando nossas interações e modificando de forma significativa o modo como organizamos e produzimos nossas práticas de linguagem. Disso decorre a emergência de novos gêneros resultantes de novas demandas comunicativas (Marcuschi, 2008) e de novos espaços, que se estendem, então, para o virtual, com a forte presença do componente tecnológico.

Para Marcuschi,

Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, 'relativamente estável' do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. (Marcuschi, 2008, p. 198)

Ao refletir sobre as mudanças nas práticas de linguagem, Marcuschi destaca, então, o impacto do meio tecnológico na "estabilidade", nas condições de organização, produção e circulação dos gêneros, o que oferece, ainda, conforme complementa: "a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade" (Marcuschi, 2008, p. 200). O digital também modifica e nos impele a repensar,

para o autor, a nossa relação com a oralidade e a escrita, e achamos pertinente adicionar que, nesses novos ecossistemas, muda também a nossa relação com as outras semioses pelo modo como as convocamos e articulamos nos textos.

Reconhecendo o impacto das tecnologias digitais como menos uma revolução tecnológica e mais uma revolução nos modos de interagir linguisticamente, Marcuschi (2008) indaga: que tipos de práticas sociais emergem com as novas formas de discurso mediadas pela web? Como compreender e caracterizar tais práticas? Assim, considerando de forma específica a mudança ambiental ocasionada pela web 2.0 e pelo *boom* digital, a qual, como afirma Merzeau (2009), não pode ser reduzida a apenas um novo modelo de codificação de conteúdo, nem à introdução de um novo canal de circulação, a linguista francesa Marie-Anne Paveau constrói um quadro analítico-descritivo para buscar compreender as práticas de linguagem online, ou os tecnodiscursos.

A autora propõe uma perspectiva ecológica pós-dualista, simétrica, para analisar, a partir de seis traços tecnolinguageiros, a produção discursiva digital nativa na internet^[5], que mescla o caráter linguageiro e técnico em um composto heterogêneo e multissemiótico. De acordo com a autora, nessa abordagem, o polo de observação da análise não é mais o discurso sozinho, mas o conjunto dos elementos do ambiente e suas agências, humanas e não humanas (Paveau, 2013). Enquanto ecossistema, não há externo, mas um composto híbrido, um *continuum*.

Na análise do discurso digital, a noção de meio ambiente é central uma vez que leva em conta os aspectos compostos (tecnolinguageiros e tecnodiscursivos) dos discursos: a tecnologia não é um simples “suporte”, mas um componente estrutural dos discursos. O agente enunciativo é distribuído no ecossistema digital. (Paveau, 2013, p. 3, tradução nossa^[6])

Conforme vemos, tal abordagem implica, portanto, “uma posição epistemológica que questiona a concepção dualista ainda dominante das relações entre linguagem e mundo e, por consequência, a divisão entre a ordem do linguístico e do extralinguístico” (Paveau, 2020, p. 55). Nesse sentido, o linguageiro-discursivo é um composto, ou seja, abarca os elementos linguísticos e tecnológicos que atuam em conjunto na coconstituição dos tecnodiscursos. A autora se apoia nas noções-chave de hipertextualidade, hiperligação (relacionalidade), de não-linearidade ou mul-

“Ao refletir sobre as mudanças nas práticas de linguagem, Marcuschi destaca, então, o impacto do meio tecnológico na “estabilidade”, nas condições de organização, produção e circulação dos gêneros”

tilinearidade (concepção de texto como a articulação dinâmica de fragmentos) e de escreitura (coprodução do sentido pela fusão da ordem autoral e leitoral), e caracteriza os discursos digitais nativos a partir dos seguintes traços:

1) *composição* (híbrida, compósita, com *hiperlinks* suportados por tecnologia, que podem ser intradiscursivos, extradiscursivos, icônicos - não textuais/não verbais);

2) *deslinearização* (intervenção de elementos clicáveis na cadeia discursiva, que direcionam o escreitor de um espaço para outro);

3) *aumento enunciativo* (devido à natureza conversacional das redes sociais ou às ferramentas de escrita colaborativa);

4) *relacionalidade* (todas as interações integram uma rede e estão materialmente inter-relacionadas – com os outros textos, com os dispositivos, com os escreitores);

5) *investigabilidade* (as interações fazem parte, no sentido material do termo, de um universo rastreável, mapeável e recuperável de ferramentas de pesquisa e redocumentação); e

6) *imprevisibilidade* (os modos de interações são parcialmente produzidos e/ou modelados por programas e algoritmos, o que os torna imprevisíveis para a atividade humana, que pode subvertê-los). (Paveau, 2017, 2019)

A atividade linguageira é um composto integrado à tecnologia, um *continuum*, que se apoia nas propiciações dos programas, algoritmos, não sendo possível separar ou identificar o que é da ordem do tecnológico e o que é da ordem do linguístico, visto que se coconstituem de forma ecológica, dos/nos ecossistemas digitais. Tais ambientes oferecem, por meio de diferentes mídias, programas, plataformas, *affordances*, possibilidades composicionais e técnicas, cuja utilização pelos escreitores pode transgredir suas aplicabilidades inicialmente previstas, uma vez que tais potencialidades técnicas da web 2.0 produzem novas arquiteturas, modificando e ampliando os repertórios discursivos (Paveau, 2017). Conforme também salientou Marcuschi (2008), embora no processo de desenvolvimento de programas e algoritmos os *designers* de *softwares* possam prever determinados padrões de comportamento, as estratégias de realização de tais práticas, como instrumentos de ação social nos ecossistemas digitais, não são fixas.

Em seu trabalho sobre o processo de escrita na era da reprodutibilidade digital, Kalantzis e Cope (2011) sinalizam algumas consequências e aspectos inaugurados pela

[5] Paveau considera como produções nativas digitais aquelas compostas diretamente online, e não a partir da digitalização de impressos.

[6] Dans l'analyse du discours numérique, la notion d'environnement est centrale puisqu'elle rend compte des aspects composites (technolangagiers et technodiscursifs) des discours : la technique n'est pas un simple "support" mais bien un composant structurel des discours. L'agent énonciatif se trouve distribué dans l'écosystème numérique. (Paveau, 2013, p. 3)

forma como construímos sentidos no universo digital, os quais dialogam com a proposta de Paveau: reequilíbrio da agência representacional (mudanças na relação autor-leitor e nos seus papéis); a propagação da multimodalidade e ampliação dos repertórios representacionais; uma nova dinâmica da diferença (abertura de um novo escopo para agência baseada na diversidade); o surgimento de uma nova ordem navegacional (abertura para múltiplos percursos e relações); e a ubiquidade do registro e da documentação (aspecto rastreável). Nesse mesmo sentido, Barton e Lee (2015) também destacam alguns efeitos da web 2.0 na forma como são organizados, produzidos e distribuídos os textos online, dentre os quais achamos pertinente mencionar uma elaboração de uma escrita em fluxo, com participação colaborativa, ampliação da produção e do compartilhamento de textos de autoria própria, a emergência de *designs* particulares, novas dinâmicas interacionais a partir de vários suportes, modos etc. Paveau (2019) define essas atividades como “potenciais” e cada vez mais plurissemióticas, uma vez que os textos nativos digitais, como compósitos, articulam imagens fixas e animadas e ainda sons. Além disso, para a autora, a escrita online é uma escrita computacional, delegada a programas, portanto, codificando a materialização das intenções do escreitor.

Em seu estudo analisando a produção languageira no *Twitter*, Paveau (2013) destaca a necessidade de uma abordagem ecológica das mídias sociais, centrada em todo o aparato de produção languageira e não apenas em um de seus elementos, como o enunciado ou o enunciador. Para a autora, em um ecossistema digital, não é possível considerar os elementos ou produções isoladamente, como se fossem publicações únicas e singulares, visto que integram um todo, não podendo ser extraídos e analisados por si mesmos.

Na próxima seção, vamos abordar o uso do *Twitter* no contexto de realização de um evento acadêmico e refletir, então, sobre como as potencialidades tecnodiscursivas da plataforma foram utilizadas pelos participantes do evento em suas apresentações.

5. #Linguistweets: potencialidades tecnodiscursivas do *Twitter* em apresentações de trabalho acadêmico

O *Linguistweets* foi uma conferência online promovida pela Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e realizada exclusivamente no *Twitter*, em dezembro de 2020. Os 96 trabalhos selecionados foram apresentados em uma série de no máximo 6 tuítes (fio), durante um período de 15 minutos, sob a *hashtag* #linguistweets.

Fundado em 2006, o *Twitter* é uma rede social para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações de outros usuários em textos plurissemióticos produzidos nativamente, com extensão de até 280 caracteres, conhecidos como “tuítes”. É possível adicionar imagens (estáticas e em movimento), links, realizar enque-

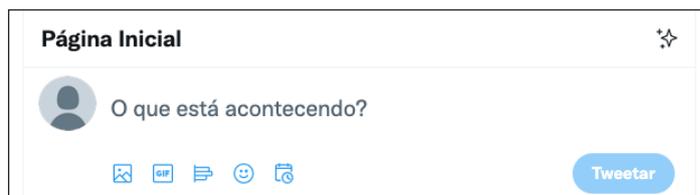


Figura 1

Recorte com caixa de postagem do *Twitter*

Fonte: *Twitter*



Figura 2

Tuíte 1 da sequência de orientações para a apresentação dos trabalhos

Fonte: *Twitter* @superlinguo

tes, como indicam os pequenos ícones em azul na parte de baixo da página inicial, respectivamente: *mídia*, *GIF*, *enquete*, *emojis* e *programar tuíte* (Figura 1).

Outras funcionalidades têm sido constantemente incorporadas à rede social, como é o caso da criação de salas de *chat* de voz/áudio (*Spaces*). No tuíte também vemos a foto ou avatar do usuário, seu nome e a data da postagem. Quanto às possibilidades de reação/interação da audiência, é possível responder utilizando os botões de operação representados por ícones específicos: balão (comentar/responder), setas conjugadas (retuitar), coração (curtir) e compartilhar (seta para cima sobre base). Todas essas visualidades aparecem na postagem da linguista australiana Lauren Gawne, que forneceu um conjunto de orientações para a apresentação dos tuítes na conferência (Figura 2). Essas regras podem ser interpretadas, no ambiente offline, como aspectos metatextuais (Adam, 2011) que impõem constrangimentos na produção dos gêneros.

Para Paveau (2013), em uma perspectiva ecológica que leva em conta a natureza contextual do tuíte em seu ambiente, e que não procede extraindo apenas o material

linguístico, o tuíte é composto dos seguintes elementos: formas lineares de linguagem escrita em um meio ambiente digital; símbolos, formas icônicas, *emoticons* ou formas derivadas não-clicáveis; tecnopalavras clicáveis, como a *hashtag* (indicada pelo sinal #), que permite a organização de informação e conteúdo, reunindo várias mensagens, e o nome ou pseudônimo do usuário (precedido pelo sinal @) que oferece a função de marcação e possibilita a consulta à conta do usuário; etiquetas (*tags*) clicáveis; links clicáveis (URLs), que permitem o acesso a outros sites.

Conforme as “regras e diretrizes” no site do evento, os participantes foram orientados a iniciar o primeiro tuíte com a *hashtag* #linguistweets, bem como a usar *hashtags* para interagir com o público (Figura 3).

Outra diretriz do evento é que “O primeiro tuíte deve idealmente chamar a atenção para o tópico de seu trabalho.” Os autores também deveriam organizar seus tuítes de modo que as apresentações fossem acessíveis (“Use terminology sparingly!”) a um público amplo, como indica o tuíte 3 (“3/6”) que compõe a sequência (*thread*) de dicas de Lauren Gawne (Figura 4).

Esses tuítes indicam que um dos objetivos do evento era também divulgar o conhecimento científico para o público não especialista (“You want to connect with a broad audience.”), e ainda, como uma espécie de “Bonus”, alcançar as pessoas da família que normalmente não compreendem o que nós pesquisamos (“you’ve also got a way of explaining your job to your family!”). Esse objetivo é confirmado no site do evento: “Crie tuítes que sejam acessíveis a um público amplo. Uma conferência no *Twitter* não se destina apenas a especialistas; tem por objetivo também divulgar o conhecimento científico para não-especialistas.” (Abralín, 2020)

Seguramente, podemos afirmar que a audiência do evento acadêmico, no espaço do *Twitter*, é significativamente ampliada, não se constituindo apenas de especialistas, pois como afirma Gawne, nesse evento: “Livrar-se de jargões não é simplificar, é subir o nível.” Essa particularidade é mais um traço das produções da *web*, que têm impacto sobre a escrita acadêmica, particularmente sobre o gênero *apresentação de trabalho acadêmico em ambiente digital*. As produções da *web* são ainda marcadas por “grande rapidez de circulação dos materiais e, enfim, uma audiência importante, que pode ser medida em milhões de receptores.a.s, leitores.a.s e espectadores.a.s.” (Paveau, 2020, p. 21).

Essa junção rapidez-audiência é facilitada pelo uso da *hashtag*^[7], que, como forma técnica organizadora da conversa pesquisável, teve uma função central para a conferência. A título de exemplo, a *hashtag* #linguistweets, só na sequência de @superlinguo, aparece nos 3 primeiros tuítes (Figuras 3 e 4) e também no tuíte 6/6, afora milhares de usuários (participantes “ouvintes” e participantes

3. O primeiro tuíte deve começar com o *hashtag* #linguistweets. Use *hashtags* para interagir com o público desejado. Você pode adicionar quantas *hashtags* quiser. As pessoas podem descobrir o seu trabalho no *Twitter* através de *hashtags*.

Figura 3

Regras e diretrizes do evento

Fonte: Abralín *Linguistweets*



Figura 4

Tuítes 2 e 3 da sequência de orientações postadas no perfil @superlinguo

Fonte: *Twitter* @superlinguo

autores) que utilizaram a *hashtag* dias e meses antes do evento e durante o próprio evento, seja para divulgá-lo e/ou elogiá-lo, seja na apresentação do trabalho.

A *hashtag* oferece, assim, um meio de comunicação específico para a rede *Twitter*, criando eventos tecnossociais (Rambukkana, 2015), que envolvem formas endêmicas de participação discursiva. Conforme Bruns e Burgess (2015) destacam, as *hashtags* criariam canais ou comunidades (com públicos *ad hoc* ou calculados), como um meio de coordenar uma discussão distribuída entre um grande número de usuários, e foi isso que aconteceu no *Linguistweets*. A própria organização do *Linguistweets*, levando em conta o potencial dessa ferramenta para impulsionar^[8] o evento na rede social, orientou o público conforme a Figura 5.

Enquanto evento tecnossocial, o *Linguistweets* se baseou nas potencialidades tecnodiscursivas do *Twitter* associadas às orientações no perfil de Lauren Gawne para a apresentação dos trabalhos e à agentividade dos participantes. Essas orientações, postadas por Gawne três meses antes

[7] Para Paveau (2013), a *hashtag* é uma *tecnopalavra* porque tem uma natureza composta: o segmento é realmente linguístico (consiste em siglas, palavras, expressões ou mesmo frases inteiras), mas também clicável, já que constitui um elo que permite a criação de um fio.

[8] Bruns e Burgess (2015) destacam ainda que o uso do *Twitter* para coordenar a discussão política tem sido a chave para sua legitimação, contribuindo para uma maior atenção jornalística e acadêmica.

21. Lembre-se de incluir a hashtag #linguistweets em todas as suas perguntas e comentários para que outros possam encontrar seus tuítes e saber que eles estão relacionados com a Conferência Linguistweets.

Figura 5

Diretriz para inclusão de *hashtag* nas apresentações

Fonte: Abralín *Linguistweets*

do evento, foram retuitadas no perfil oficial da conferência na *Twitter* e indicadas por *hiperlink* no site da conferência, inserido na palavra “aqui”: “Confira as dicas de Lauren Gawne para uma excelente apresentação no *Linguistweets* aqui”. Levando em conta as potencialidades tecnodiscursivas do *Twitter*, não consideramos que as orientações são uma mera transposição de normas de uma comunicação oral apresentada em evento acadêmico convencional e/ou presencial. Trata-se, como a própria Gawne afirma (tuíte 2 da Figura 4), de uma maneira de ajudar os participantes a elaborar “uma apresentação tuíte” ou de “algumas dicas para ajudar você a escrever sua apresentação”. No tuíte 3 (Figura 4), a autora ainda admite: “#linguistweets é novo para nós, estamos todos aprendendo!”.

Nesse meio ambiente de potencialidades digitais, somadas à alta visibilidade do evento, que contou com a participação de pesquisadores de diversas universidades brasileiras e estrangeiras, o evento foi marcado pelo seu caráter inovador, sendo a primeira conferência internacional de linguística no *Twitter*. Nessa modalidade de apresentação digital, ou melhor, de “tweet talk” acadêmico, as orientações tomam como fio condutor o padrão característico do gênero, tal como tradicionalmente reconhecido na esfera acadêmica. Essa estrutura é identificada pelos seguintes componentes: 1. introdução, 2. contextualização, 3. perguntas de pesquisa, 4. metodologia, 5. resultados e 6. conclusão, que, segundo Gawne, formam uma “clássica sessão de apresentação”. Interessante notar que, guiada pelas potencialidades da plataforma, essa orientação é fornecida de forma abreviada: “intro, background, research qs, method, results, conc”, o que certamente não ocorreria em um evento convencional, pois neste formato não haveria necessidade de economizar caracteres.

Por essa composição, os autores de trabalho, escriletores, puderam decidir onde inserir a fundamentação teórica no fio/*thread*. Além dessas “dicas” e da exigência de compor a apresentação em 6 tuítes (regra da conferência), as orientações de Gawne: i) alertam para “usar terminologia técnica com moderação” (Figura 4), ii) indicam como usar imagens (tuíte

4) e iii) orientam como postar progressivamente cada tuíte ao longo do tempo de apresentação (tuíte 5).

6. Análise da textualidade digital em um contínuo de possibilidades

Para a análise das potencialidades tecnodiscursivas do *Twitter* nas apresentações do *Linguistweet*, selecionamos 3 trabalhos que se diferenciam de forma significativa no modo de utilizar as potencialidades. Denominamos as apresentações A, B e C, cujos autores e áreas são respectivamente: A) professora doutora da Universidade da Costa Rica com trabalho na área de fonética/sociolinguística, B) doutorando da Universidade Federal do Ceará com trabalho na área de linguística textual e C) professora doutora da Universidade de Düsseldorf com trabalho na área de sintaxe. Tais informações estão disponíveis no perfil dos participantes na plataforma *Twitter* e podem ser acessadas por qualquer usuário.

Aliando os componentes da apresentação que representam a tradição do gênero e sua estrutura padrão (tal como indicados por Gawne) às possibilidades de inovação de seu arranjo textual a partir das potencialidades discursivas do *Twitter*, classificamos as apresentações em um contínuo de possibilidades. Esse contínuo vai da apresentação mais estabilizada e focada nos aspectos preferencialmente verbais (verbocêntrica) à mais dinâmica e movente^[9], por explorar de forma mais efetiva a “deslinearização” e a “relacionalidade”, como características do discurso digital nativo (Paveau, 2017). Por esse contínuo, as apresentações parecem oscilar entre um pólo cuja referência seria a apresentação convencional offline e outro pólo digital, em que o texto não é simplesmente transposto ou copiado do offline para se tornar online, mas planejado como nativo digital.

Potencialidades podem ser observadas já no tuíte 1 de cada uma das apresentações A, B e C, respectivamente (Exemplo 1).

O uso de #*linguistweet* nos 3 tuítes, respectivamente 1A, 1B e 1C^[10], e da *hashtag* específica que identifica o trabalho no evento (semelhante ao que nos eventos convencionais seria o código de inscrição) é um traço da tecnodiscursividade, que revela a deslinearização, como característica dos discursos digitais nativos (Paveau, 2020). Contudo, é preciso considerar que a deslinearização não é explorada da mesma forma em cada tuíte. Enquanto que em 1A essas *hashtags* são os únicos elementos clicáveis, em 1B e 1C, vemos outros elementos que mobilizam potencialidades distintas do tecnodiscurso. Em 1B, há uma forma inovadora de citar a base teórica: “@mapav8 (2017)”. A obra de Paveau é citada mesclando-se o ano “2017” (componente

[9] A movência implica um arranjo dinâmico entre os componentes do trabalho (composição). Esse rearranjo no modo de compor e articular, por exemplo, a introdução, a contextualização, as questões de pesquisa, a metodologia, os resultados e a conclusão, torna essas partes às vezes tão imbricadas que é difícil segmentá-las. Em uma apresentação convencional offline, essas partes são delimitadas de forma clara pelo uso de marcadores metadiscursivos.

[10] De agora em diante, utilizaremos, quando necessário, os números 1 a 6 acompanhados das letras A, B e C para indicar o tuíte da apresentação. Por exemplo 1A indica o tuíte 1 da apresentação A; 2A, o tuíte 2 da apresentação A, e assim sucessivamente.



Exemplo 1

Fonte: Twitter

da citação indireta convencional) ao perfil da autora (@mapav8) na plataforma. Essa forma dinâmica de citar só é possível no ambiente digital, sendo uma evidência da relacionalidade, bem como da transtextualidade. Além disso, contribui para que o autor citado possa interagir diretamente com o trabalho, seja online com a apresentação em curso, seja posteriormente. Esse tipo de citação, portanto, revela dois outros traços da tecnodiscursividade: a composição e o aumento enunciativo (Paveau, 2017), que podem ser associados à intergenericidade.

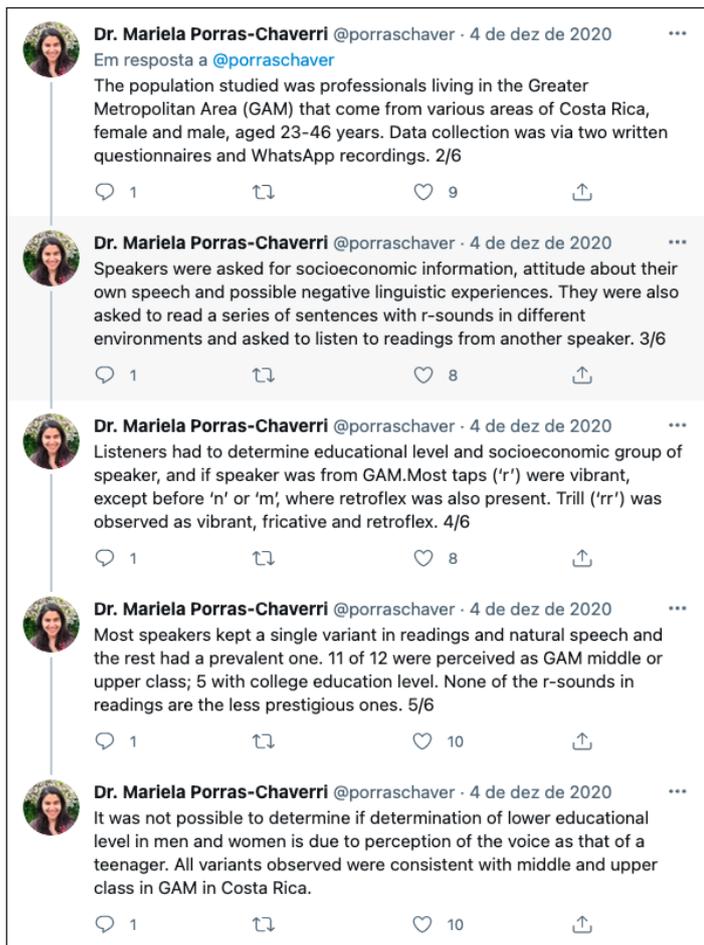
Em 1C, a inovação fica a cargo da imagem e do uso das *hashtags*. Sem dúvida, o participante leva em conta o número restrito de caracteres para realizar sua comunicação. O escritor parece planejar seu texto de modo a guiar-se por essas potencialidades e limitações tecnodiscursivas, por isso seleciona 7 *hashtags* (sem incluir as 2 obrigatórias) com funções distintas. As *hashtags* #language e #fieldwork, apontam, respectivamente para a área de conhecimento e o método de pesquisa; #tense, #aspect e #mood apontam

para conteúdos específicos da pesquisa, #Nafsan e #Vanuatu indicam respectivamente a língua estudada e sua localidade. Todas essas *hashtags*, através da deslinearização e da relacionalidade, abrem possibilidades de conexão com incontáveis publicações (aspectos intergenéricos) na plataforma, além de servirem para impulsionar o trabalho, evidenciando a transtextualidade. Afora isso, as *hashtags* que indicam conteúdos específicos podem também funcionar como meio de busca de informação, contribuindo para que o público não especializado interaja com a pesquisa e o conhecimento científico seja divulgado em larga escala, resignificando de maneira significativa o critério de que “Livrar-se de jargões não é simplificar, é subir o nível”. Efeito semelhante ocorre com as *hashtags* #Nafsan e #Vanuatu, que livram o escritor de ter de explicar do que se trata. O uso criativo do mapa em 1C é também uma estratégia definitiva para possibilitar inferências de que Vanuatu é uma localidade geográfica no Pacífico, onde se fala a língua Nafsan.

A análise desses 3 tuítes indica que as potencialidades do digital não são exploradas da mesma forma pelos escritores, ainda que eles tenham produzido o mesmo gênero, sob as mesmas regras e diretrizes. Os tuítes 2A a 6A indicam que a apresentação A é representativa do polo verbocêntrico de composição da textualidade acadêmico-digital (Exemplo 2).

A predominância de aspectos verbais na apresentação A e a baixa incidência de recursos que possibilitam a relacionalidade e a deslinearização não são suficientes para analisá-la como pré-digital. O fato de ser um trabalho selecionado^[11] pela comissão do evento para ser apresentado nessa modalidade (modalidade de escrita digital), bem como de ter que sintetizar o conteúdo a partir das restrições quanto ao número de caracteres situa-a como um texto nativo digital ainda que pareça ter o gênero resumo como um parâmetro de composição. Importante notar que as interações que esse trabalho provocou (incluindo os 33 *likes*), durante e após a apresentação, também colaboram para que ele tenha esse *status*, assim como as habilidades requeridas para compor e postar gradativamente os tuítes ao longo de 15 minutos de apresentação digital. Essas questões reforçam o foco de nossa pesquisa no texto produzido e na necessidade de investigar as mudanças que se operam na passagem do offline para o online, na apresentação oral de trabalho”

[11] Os trabalhos foram selecionados para o evento através de um resumo de até 3.000 caracteres.



Exemplo 2

Fonte: Twitter

para o online, na apresentação oral de trabalho em evento científico.

Outras formas de explorar as potencialidades do digital podem ser observadas na apresentação B, que explora as potencialidades da tecnodiscursividade em maior grau do que A. Os tuítes 2B e 4B usam imagens para expor a fundamentação teórica (Exemplo 3).

É notável que, nessa mudança do offline para o digital, os trabalhos dão respostas diferentes em relação a como operar com um número limitado de 280 caracteres, o que é um grande desafio. Os tuítes do Exemplo 3 provam isso, ao apresentarem a fundamentação teórica na forma de imagem. Em 2B^[12], vemos quadros topicalizados e em 4B, uma citação direta com a fotografia da professora Mônica Cavalcante, uma das autoras citadas. B usa ainda um GIF (*Graphics Interchange Format*) da cantora Gretchen, de forma bastante estratégica, no tuíte 3B e afirma: “E



Exemplo 3

Fonte: Twitter

como tratar dessas produções tecnolinguageiras, que são compostas e instáveis e que perdem muito quando são extraídas de seus ambientes nativos e levadas ao tratamento das metodologias pré-digitais, essencialmente logocêntricas? Imagine a análise deste tweet sem este gif.” (Oliveira, 2020). Exatamente por concordarmos com @rafaellima016, optamos por não inserir esse tuíte em nosso artigo, pois a fotografia iria estabilizá-lo, alterando todo o movimento do arranjo textual online^[13].

Outra resposta dada ao limite de caracteres do *Twitter* ao explorar as potencialidades do tecnodiscorso é a apresentação C. Assim como vimos em 1C, os tuítes 2C a 5C continuam

[12] Movimento semelhante ocorre no tuíte 5B.

[13] Para visualizar o GIF, consulte: <https://twitter.com/rafaellima016/status/1335192552136462339>.



Exemplo 4

Fonte: Twitter



Exemplo 5

Fonte: Twitter

mobilizando *hashtags* já utilizadas e incorporam outras: #linguistics, #PerfectAspect, #Questionnaire e #Storyboards. Essas *hashtags*, apesar de operarem da mesma forma que em 1C, se particularizam porque colaboram para a descrição dos dados da pesquisa (Exemplo 4).

Nesses tuítes, observamos a exposição dos dados acompanhada da base teórica por citação indireta convencional: "(Comrie 1976), (Dahl 2020)". Contudo, diferentemente de B, o que é mais destacado nesta apresentação é a exposição dos dados. Sem fazer menção direta, o tuíte 5C indica o link da plataforma <https://zenodo.org/record/1421185>, onde o público pode encontrar o *corpus* da pesquisa,

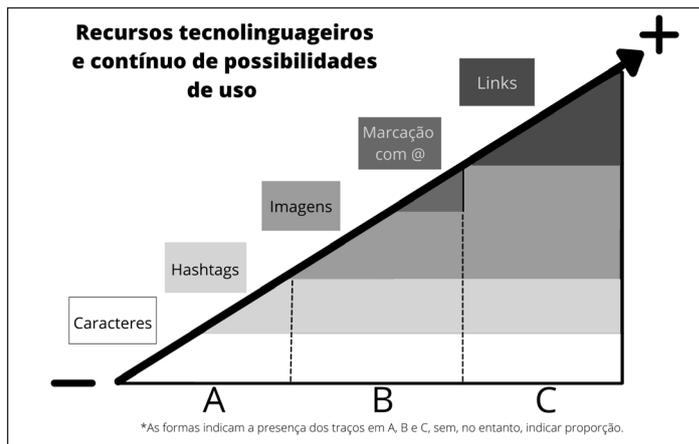


Figura 6

Recursos tecnolinguageiros utilizados nas apresentações A, B e C

Fonte: elaborado pelas autoras

além de colocar de forma estratégica uma imagem dos dados para chamar a atenção do leitor e convidá-lo a acessar esse banco de dados (Exemplo 5).

Por fim, 6C finaliza a apresentação estrategicamente com o link da biblioteca virtual da University of Melbourne, onde sua tese pode ser acessada: "Questionnaires require participants' knowledge of English, and storyboards minimize effects of translation. So, you should combine several fieldwork methods when working on a description. For my work on "pe" in Nafsan, check out my thesis on <http://hdl.handle.net/11343/237469>. 6/6" (Krajinovic, 2020).

Os recursos tecnolinguageiros oferecidos pela plataforma foram mobilizados de maneiras bastante distintas pelos participantes. A análise das três apresentações permite traçar um contínuo de possibilidades, em que um uso mais restrito dessas potencialidades sugere uma maior aproximação do gênero em seu formato offline, enquanto que o maior aponta para uma ampliação das possibilidades de configuração do gênero em seu formato online. Buscamos evidenciar esse contínuo no esquema da Figura 6.

A apresentação C foi a que mais nos desafiou à análise. Levamos muito mais tempo do que as outras para compreender o modo como geriu os componentes da estrutura padrão do gênero na tecnodiscursividade. Há uma verdadeira imbricação das partes revelando a movência e a dinamicidade no modo de organizar a apresentação sem que tenha como referência um trabalho acadêmico convencional por meio de citações, por exemplo, ou partes bem segmentadas e encadeadas de forma progressiva a partir de marcas textuais explícitas que indicam a composição do gênero. Por exemplo, a introdução se constrói por meio de uma pergunta ("When working on a #language you are not a native speaker of, what are the #fieldwork methods you can use to understand the meanings of #tense, #aspect, and #mood categories?"); a contextualização, por meio do mapa e das *hashtags*, todos esses elementos em 1C. Ainda nesse mesmo tuíte, vemos as questões de

Tabela 1

Composição das apresentações A, B e C

Apresentação	Introdução	Contextualização	Questões de pesquisa	Metodo(logia)	Resultados	Conclusão
A	x	x	x	x	x	x
B	-	x	x	-	-	x
C	x	x	x	x	x	x

Fonte: elaborada pelas autoras

pesquisa. A metodologia imbrica-se ao objetivo em 5C, onde também se evidenciam os resultados.

A apresentação C, assim como a A, apresenta todos os seis componentes do gênero indicados por Gawne, como indica a Tabela 1.

A tabela mostra que atender aos critérios de estrutura padrão do gênero não é garantia de exploração máxima das potencialidades tecnodiscursivas. Temos respostas bem diferentes quanto a isto se comparamos as apresentações A e C. Ambas apresentam os seis componentes de forma distinta e mobilizam as potencialidades de forma dispar. Essa constatação mostra que, mesmo com as inovações em B e C, o convencional/tradicional não é abandonado ainda que seja um trabalho apresentado em plataforma digital. Além disso, na apresentação online, as fronteiras entre esses componentes tendem a ser menos marcadas (mais imbricadas) quanto mais o autor explora as potencialidades do digital. Em outras palavras, quanto mais se mobilizam os recursos do digital (configuração do estilo), maior o grau de deslinearização e relacionalidade, consequentemente maior a movência no arranjo textual e maiores as possibilidades de atualização do gênero.

7. Considerações finais

Neste trabalho, realizamos um breve levantamento dos estudos em torno da noção de gênero e suas categorias de análise, para focarmos nas transformações do gênero *apresentação de trabalho em evento científico*, quando produzido em meio ambiente digital. Para isso, partimos da análise de um *corpus* constituído de três apresentações de trabalho no evento *Linguistweets*, promovido pela Abralin em 2020. Esta nos permitiu traçar um contínuo de possibilidades de apropriação das potencialidades tecnodiscursivas oferecidas pela plataforma.

Ao utilizar-se do *Twitter* como plataforma para realização

de um evento científico, os escritores, por um lado, mantêm as características prototípicas do gênero apresentação de trabalho (Silva, 2013); por outro, mobilizam as possibilidades tecnodiscursivas do *Twitter*. Estas permitem arquiteturas multi/deslinearizadas, marcadas pela relacionalidade, pelo aumento enunciativo, por dinâmicas mais horizontalizadas e simétricas. Isso se deve, portanto, à influência do meio ambiente digital, compreendido não como um elemento externo, mas como constitutivo das práticas tecnodiscursivas, impactando diretamente na materialidade compósita, multissemiótica, documentada/investigável das apresentações, enquanto textos nativos digitais (Paveau, 2017).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a análise das três apresentações evidencia certa manutenção de aspectos genéricos (Voloschinov, 1997), temáticos e composicionais, ao serem levadas a ecossistemas digitais, as apresentações de trabalho analisadas demonstram uma ampliação do *escopo estilístico*. Este é evidenciado pelas potencialidades tecnodiscursivas disponíveis aos escritores, os quais podem vir a se apropriar de estratégias como o uso de *hashtags*, imagens (estáticas ou em movimento), links etc., na construção de suas apresentações.

Tais considerações tomam como base a tentativa de empreender uma análise integrativa e não dualista, compreendendo as dimensões tecnológica e linguageira como coconstitutivas. Isso nos permite verificar como as possibilidades de (re)atualização do gênero em estudo emergem de tentativas de manutenção e atualização de modelos de gêneros existentes. As análises efetuadas nos permitiram traçar um contínuo de possibilidades de exploração das potencialidades tecnodiscursivas do ambiente digital. Dos textos analisados, a apresentação A é aquela que mantém mais características de apresentações offline, enquanto que as demais se apropriam de forma mais efetiva das potencialidades tecnodiscursivas. Evidentemente, este estudo, de caráter exploratório inicial, carece de maior amplitude analítica para consolidação dos resultados.

REFERÊNCIAS

- ABRALIN. 2020. Linguistweets. Disponível em: <https://www.linguistweets.org/sobre/>. Acesso em: 29/05/21.
- ADAM, J.-M. 2001. En finir avec les types de textes. In: M. BALLABRIGA (Org.). *Analyse des discours*. Types et genres: communication et interprétation. Toulouse: EUS, p. 25-43.
- ADAM, J.-M.; HEIDMANN, U. 2011. *O Texto Literário*. Por uma abordagem disciplinar. Tradução: João Gomes da Silva Neto (org.) e Maria das Graças Soares Rodrigues (coord.). São Paulo: Cortez Editora, 192 p.
- BARTON, D.; LEE, C. 2015. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. São Paulo: Parábola, 272 p.
- BRAIT, B. (org.). 2005. *Bakhtin*. Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 224 p.
- BRONCKART, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours: Pour un interactionisme socio-discursif*. Paris: Delachaux et Niestlé. 351 p.
- BRUNS, A.; BURGESS, J. 2015. *Twitter hashtags from ad hoc calculated publics*. In: N, RAMBUKKANA (Ed.). *Hashtag publics: The power and politics of discursive networks* [Digital Formations, Volume 103]. Peter Lang Publishing Group, United States of America, p. 13-27.
- DEVITT, A. 2004. *Writing genres*. Carbondale. Southern Illinois University, 268 p.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e HALLER, S. 2004. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Glais de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 125-155.
- DUARTE, L.; MUNIZ, I. 2021. Análise do Discurso Digital: questões teóricas e práticas. In: F. J. de O. PAIVA; E. D. da SILVA (orgs.). *Estudos da Linguagem: Interfaces na Linguística, Semiótica e Literatura em Perspectiva*. São Carlos: Pedro e João editores, p. 53-70.
- GAWNE, L. 2020. Sequência @superlinguo. Disponível em: <https://Twitter.com/superlinguo/status/1308633235803369473>. Acesso em: 17/03/2021.
- GIERING, M. E.; PINTO, R. 2021. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. *Con(textos) Linguísticos*, Vitória, **15**(31):30-47.
- KALANTZIS, M.; COPE, B. 2011. The work of writing in the age of its digital reproducibility. *Yearbook of the National Society for the Study of Education*, **110**(1):40-87.
- KRAJINOVIC, A. 2020. Sequência @AnaKrajinovic1. Disponível em: <https://Twitter.com/AnaKrajinovic1/status/1335086658962780161>. Acesso em: 17/03/21.
- MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 296 p.
- OLIVEIRA, R. L. 2020. Sequência @rafaellima016. Disponível em: <https://Twitter.com/rafaellima016/status/1335193395912962048>. Acesso em: 17/03/21.
- PAVEAU M.-A. 2013. Technodiscursivités natives sur *Twitter*. Une écologie du discours numérique », dans Liénard, F. (2013, coord.) *Culture, identity and digital writing, Epistémè 9, Revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées*, Séoul : Université Korea, Center for Applied Cultural Studies, p. 139-176.
- PAVEAU, M.-A. 2017. *L'analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques, Paris, Hermann. 396 p.
- PAVEAU, M.-A. 2019. Introduction. Écrire, parler, communiquer en ligne: nos vies sociolangagières connectées. *Langage & Société*, **2**(167):09-28. <https://doi.org/10.3917/ls.167.0009>
- PAVEAU, M.-A. 2020. *Feminismos 2.0: Usos tecnodiscursivos da geração conectada*. In: J. L. COSTA; R. L. BARONAS. (Orgs.) *Feminismos em Convergência: discurso, internet e política*. Gracioso Editor: Coimbra, p. 21-50.
- PINTO, R. 2010. *Como argumentar e persuadir?* Prática Política, Jurídica, Jornalística. Lisboa: QuidJuris.
- PORRAS-CHAVERRI, M. 2020. Sequência @porraschaver. Disponível em: <https://Twitter.com/porraschaver/status/1335029874285633540>. Acesso em: 17/03/21.
- RAMBUKKANA, N. 2015. #Introduction: Hashtags as Technosocial Events. In: N. RAMBUKKANA. (Ed.) *Hashtag publics: The power and politics of discursive networks* [Digital Formations, Volume 103]. Peter Lang Publishing Group, United States of America, p. 01-12. <https://doi.org/10.3726/978-1-4539-1672-8>
- SILVA, A. V. L. da. 2013. *Com a palavra, o aluno: Processos de retextualização na produção oral acadêmica*. Belo Horizonte. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 231 p.
- VOLOCHINOV, V. N. 1997. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8ª ed. Hucitec: São Paulo, 196 p.